

Quando a morte cerrar meus olhos duros
– duros de tantos vãos padecimentos,
que pensarão teus peitos imaturos
da minha dor de todos os momentos?

Vejo-te agora alheia, e tão distante:
mais que distante – isenta. E bem prevejo,
desde já bem prevejo o exato instante
em que de outro será não teu desejo

que o não terá, porém teu abandono,
tua nudez! Um dia hei de ir embora
adormecer no derradeiro sono.
Um dia chorarás... Que importa? Chora.

Então eu sentirei muito mais perto
de mim feliz, teu coração incerto.

Manuel Carneiro de Souza Bandeira (1886-1968),
Soneto Inglês Nº 1; em Vou-me Embora pra Pasárgada e
Outros Poemas, Seleção Maura Sardinha, 1997

Não creia em tudo aquilo que está lendo.
Duvide até da própria assinatura.
Não cante sem ler a partitura.
Recuse poesia com remendo.

Se um cego diz ser seu calvário horrendo,
coloque mais pimenta, que ele atura.
Se ser um masoquista é o que ele jura,
no máximo masturba-se escrevendo.

Cantando espalharei por toda parte,
mas sei que poucos vão acreditar
que sou Atila, Nero ou Bonaparte.

Vá lá, não sou guru nem superstar.
Na dúvida, porém, nunca descarte
que onde há fumaça o fogo pode estar.

Glauco Mattoso, Soneto Cético, de
Centopéia – Sonetos Nojentos & Quejandos, 1999

Estou por esperar tão fatigada,
vencida pela dor, da dor cativa,
pela sua pouca fê tão olvidada
por quem de seu tornar triste me priva.

Essa morte que o mundo empalidece
com a sua foice por último castigo,
chamo sempre, por refrigério, em prece,
no ardentíssimo anseio em que perigo.

E a morte não escuta o meu chamar,
e escarnece das loucas fantasias,
também rebelde o amado ao retornar.

Assim, com pranto meu, águas salinas,
faço as ondas piedosas e este mar;
e ele vive feliz em suas colinas.

Gaspara Stampa (1523?-1554), Estou por esperar...
(tradução: Marigé Quirino Marchini), em
Linguagem Viva 0010

Na inspiração revelada
se resume a litania.
A trova é conta marcada,
no rosário da poesia.
Miguel J. Matly, em Estro 70

É mestra e castigos dá...
tem um corpo que atordoa...
Diz o filho: – É muito má!
Diz o pai: – é muito boa.
Luiz Otávio, em BI UBT Magé 0009

Desabafo, a persistência
de gritos soltando a voz,
retidos na consciência,
gritando dentro de nós!
Dercy Hoffmann Alonso de Freitas
(= 21.10.00), em BI UBT SP 0011

Ninguém sabe, nesta lida,
onde a surpresa é mais forte:
se nos mistérios da vida
ou no segredo da morte!
Alfredo Castro, em Milênio 0008

Retirante do sertão
deixa a terra, mas com fê,
leva a força do seu chão
nas rachaduras do pé.
Domitilla Borges Beltrame, em Fanal 0011

A Ciência é, simplesmente,
uma vírgula banal
num texto onde antigamente
se achava um ponto final!
Antônio A. da Silva Coelho,
em Trovaregre 0011

Dezembro. A cascata
zoa cardumes, ressoa,
lampejando prata...

Cyrol Armando Catta Preta,
Piracema; de Palhas do Tempo, 1993

Natal na favela
Papai Noel distraído
errou o endereço.

Delores Pires, em Koisalinda 9912

É
Natal
novamente
onde estamos
e onde não estamos

nas ruas
nas noites enfeitadas
o Natal chega
passo a passo
em cada dia de dezembro
e não há como fugir
já não há onde esconder
o encontro é inevitável
há que se aproximar então
o coração aberto
o afeto dilatado
deixar
se desprender de nós
fardos desnecessários
forjados impedimentos
e aceitar

aceitar esta carga
– condição de ser humano

é Natal
há que se respirar
com novo fôlego
um outro ar
aqui

onde estamos
e onde jamais estaremos
o Natal nos transporta
como um barco incansável
é preciso deixar
esta água
fluir

é preciso aceitar
o mistério das fontes

Não podemos deixar morrer
nenhum nascimento.

Eunice Arruda, Mensagem; de
Risco, 1998

Sonhos de criança...
Pelos atalhos nevados
Papai Noel chega.

Fanny Luiza Dupré (1911/1996),
em Koisalinda 9912

Tenha um Natal venturoso,
vire o ano com alegria...
Venha o futuro ditoso,
cheio de amor, poesia!

Fernando Vasconcelos

Nesta noite de orações
pedirei como presente,
que em todos os corações
há um Natal Permanente!

Amaryllis Schloenbach,
em Koisalinda 9912

“Natal! com fervor profundo,
minha prece ainda insiste:
– Senhor, não haja no mundo
nenhuma criança triste!”

Carolina Ramos, em Koisalinda 9912

Vida nova, ano novo!
Que aconteça nesse dia
e também no ano todo,
muita paz e alegria.

Cecy Tupinambá Ulhôa

Ayer se fue,
mañana no ha llegado,
hoy se está yendo
sin parar un punto.

Francisco Gómez de Quevedo y Villegas
(1580-1645), em
Poesia Reunida de Pio E. Serrano, 1987

“Que eu te ame!”, tens falado;
mas te enganas numa parte:
“amei”, querida, é passado...
e eu nunca deixei de amar-
te!...

José Tavares de Lima, em
XXIII Jogos Florais de Pouso Alegre 2000

Perante o sepulcro mudo,
mormuram: tudo acabou!
Engano: começou tudo!
ou melhor: recomçou!

Júlio Baptista da Costa
(num túmulo do Cemitério São Paulo)

Sem lutas, chegou à glória,
seu baluarte: paz e amor!...
o maior vulto da História
é Jesus – o Redentor.

Leda Maria Bechara, em
XIII Jogos Florais de Santos 2000

La escritura se basta
con una mano que traza
y un ojo que lee
la vida de Hakenaton
mientras el otro espía
la revista “El intocable”.

Luis Hernández, Una soledad
impeccable;
em Tsé=Tsé 0007

Neste palco iluminado
de antes de nossos avós
apresento, emocionado,
os palhaços: todos nós!

Manoel Fernandes Menendez

Alegria à volta,
ela se entristece às vezes.
Natal sem marido.

Manoel Fernandes Menendez

Garotos observam
a algazarra nouveiro.
Lambaris gulosos.
Na lagoa rasa,
dois bagres fuçam o fundo.
Nuvens de lodo.

Junto ao muro alto,
a árvore-do-viajante,
abana o jardim.

Sob a luz da lua
dançam as ondas do mar,
vestidas de espumas.
Nas férias, na roça,
meninos a rir, tirando...
o bicho-de-pé.

Até onde o olhar chega
estende-se o campo seco.
Silêncio sem fim...

Nas águas do córrego
o chorão banha seus ramos.
Tarde ensolarada.

Um grande mar de ô nibus
inunda o pátio da igreja.
Dia da Padroeira.

Há vários tolos na vida;
porém o mais cabeçudo,
é o que de nada duvida...
ou que duvida de tudo.

Só é sólido um negócio,
para o ladino... que é esperto...
quando para ele e seu sócio
o lucro é líquido e certo.

Podes pisar sobre a alfombra,
sob aplausos merecidos,
mas nunca projetes sombra,
sobre os que foram vencidos.
De nada vale o protesto...

Faça da vida uma escola...
Mostre que o trabalho honesto
é a libertação da esmola.

Aos céus, nesta viagem breve,
por este mundo de escombros,
não peço uma carga leve,
porém, mais força nos ombros.

É tarde... Eu abro a janela;
ouço um piano em surdina.
Nada vejo na viela...
só a saudade, lá na esquina.

É verdadeiro o progresso...
é grande... é forte a nação,
quando todos têm acesso
às luzes da Educação.

Não que seja seu mister
e nem que ela se acomode,
mas, homem faz o que quer
e mulher... faz o que pode.

Maria Reginato Labruciano; de
Caminho das Flores, 2000
Rua Consª Brotero 927, Apto. 2
01232-011 – São Paulo, SP
Telefax 0.11 3667-4230

Junto ao teu corpo moreno
e ante os teus olhos risonhos,
faço de um quarto pequeno
um Universo de sonhos!!!

Maria Madalena Ferreira

Tudo está na mesa
para o almoço de Natal.
Falta minha mãe.

Neide Rocha Portugal

Los labios y las manos
del viento
el corazón de agua
un eucalipto
el campamento de las nubes
la vida que nace cada día
la muerte que nace cada vida.
Froto mis párpados:
el cielo anda en la tierra.

Octávio Paz (1914/1998), Madrugada
al Raso; de Lo Mejor de Octávio Paz
– El Fuego de Cada Día, 1989

Para a minha alma com frio
eu não sei qual é mais terno
se o calor do sol de estio
se o calor do sol de inverno.

Maria Ruth Brito Neto, em SF 0011

Para a minha alma com frio,
me aconcheço, em pleno inverno,
na praia, onde o vazio
me deixa muito mais terno...

Se o mar, ou meu pensamento,
eu não sei qual é mais terno...

O tempo deste momento,
só sei que parece eterno...

E se volto a sentir frio,
aqueço o meu coração,
se o calor do sol de estio,
me permite esta emoção...

Com minha alma enriquecida,
não sei o que é mais fraterno...
Se o forte verão da vida,
se o calor do sol de inverno...

Amália Marie Gerda Bornheim

Um burrico, horas a fio,
puxava enorme carroça,
quando surge um cão vadio
que lhe diz, fazendo troça:
“– Deus me livre de tal sorte,
a trabalhar tanto assim.
Ser animal de transporte
não é vida para mim...”
Responde o burrico: “–irmão,
alegre é a vida de um cão,
mas não me queixo da lida
nem de outra sorte cogito.
Quem te dera a minha vida,
pois, escolhido por Deus,
na velha estrada do Egipto,
eu tive a glória de um dia
salvar Jesus e Maria
da sanha dos fariseus...”

Orlando Brito

Quando a humanidade inteira
conseguir – fazer-se igual,
então será verdadeira
a mensagem do Natal.

Sebas Sundfeld, em Koisalinda 9912

Severino, retirante,
deixe agora que lhe diga:
é difícil defender,
só com palavras, a vida,
ainda mais quando ela é
esta que se vê, severina;
mas se responder não pude
à pergunta que fazia,
ela, a vida, respondeu
com sua presença viva.
E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio,
que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente, se fabrica,
vê-la brotar como há pouco
em nova vida explodida;
mesmo quando
é assim pequena
a explosão, como a ocorrida;
mesmo quando é uma
explosão
como a de pouco, franzina;
mesmo quando é a explosão
de uma vida severina.

João Cabral de Melo Neto (1920/1999),
Seleção de
Sylvio de Oliveira Gonçalves Filho

Espelho, amigo verdadeiro,
tu refletas as minhas rugas,
os meus cabelos brancos,
os meus olhos

míopes e cansados
espelho, amigo verdadeiro,
mestre do realismo
exato e minucioso,
obrigado, obrigado!

Mas se fosses mágico,
penetrarias até ao fundo
desse homem triste,
descobririas o menino
que sustenta esse homem,
o menino que não quer morrer,
que não morrerá senão
comigo,
o menino que todos os anos na
véspera do Natal
pensa ainda em pôr os seus
chinelinhos atrás da porta.

Manuel Carneiro de Souza Bandeira
(1886-1968), Versos de Natal; em
Vou-me Embora pra Pasárgada e Outros
Poemas, Seleção Maura Sardinha, 1997

Foi num bar de certa esquina,
que, sem beber, quando pus
meus olhos nos teus, menina,
fiquei bêbedo de luz.

Orlando Brito, em
XXIII Jogos Florais de Pouso Alegre 2000

Teño medo d'unha cousa
que vive e que non se ve!

Rosalía de Castro (1837-1885), em
Poesia Reunida de Pio E. Serrano, 1987

Como moluscos
encerrados

em silencios arteriales
se acumulam
las verdicas palabras,
los prolongados discursos,
los febriles argumentos
que callados
llevamos con nosotros
y que nunca serán dichos.

Pio E. Serrano, Florencia; de
Poesia Reunida, 1987

Es el amor un bicho
que, cuando pica,
no se encuentra remedio
ni en la botica

(que) es amor una araña
que con cautela
en un rincón del alma,
forma su tela.

Ojos verdes son la mar;
ojos azules, el cielo;
ojos pardos, purgatorio,
y ojos negros... el infierno.

Ricardo Palma (1833-1919), em
La Mujer en Las Tradiciones Peruanas,
de Dora Bazan Montenegro, 1967

Do livro da natureza
grande parte não foi lida,
e nela o Autor, com certeza,
conta o segredo da vida.

Sergio dos Santos Cunha, em
X Jogos Florais de Amparo 2000

Que uma estrela reluzente
apareça a nós também...
No Natal, que o lar da gente
seja a Gruta de Belém!

Therezinha Diegues Brisolla,
em Koisalinda 9912

Natal, e todos os dias
do ano que vai chegar,
sejam bênçãos e harmonias
na alegria de seu lar!



Larissa Lacerda Menendez
L via Lacerda Menendez
Maria Tracema
Gomes Lacerda Menendez
Manoel
Fernandes Menendez



QUIDAIS DE VERÃO

No jardim de antúrio, um casal de vaga-lumes, acende as flores. Ailson Cardoso de Oliveira	Baile de formatura. O menino tartamudo vende rosas na rua... Guim Ga	O analfabeto pede-me escrever pr'a mãe cartão de Natal. Luís Koshihiro Tokutake
Cartão de Natal, carta para amiga longe. Mais de vinte páginas... Carlos Roque B. de Jesus	vai fazendo o vai-e-vem. Injusta colheita. Haroldo R. Castro	ouvem-se dois fortes tapas... — Era um pernilongo!... M. U. Moncam
Sombrias abertas, atropelo nas calçadas. Chuva de verão. Cecy Tupinambá Ullhoa	No Dia do Salva-vidas, um banho seguro... Hermoclydes S. Franco	Na calçada da noite, Van Gogh em meu quarto?! O vaso como num quadro girassóis dourados! Mariemv Tokumiy
A chuva se foi, no céu, surge o arco-íris, natureza em festa. Dercy de Freitas =	Praia esturricando. Menino passa na rua gritando "sorvete"! Humberto Del Maestro	De um naufrago anônimo recebe um belo presente. Dia do Salva-vidas! Nadyr Leme Ganzert
nas figuras coloridas, mensagens de Paz. Djalda Winter Santos	pedaços de pão, migalhas... crianças almoçam... João Batista Serra	Esperito de Natal peru assassinado! Nelson Brotto
Enfeitando a noite belos cartões de Natal no verde pinheiro! Edel Costa	Meus antúrios brancos pouco a pouco empalidecem... Presságios da morte! João Elias dos Santos	Chuva na vidraça... Neste verão, perpasso o inverno da vida! Olíria Alvarenga
Cigarra na praça... e, em meio ao canto da tarde, trabalha a formiga. Eduardo Toledo	Retirante ao sol, sedento qual a cacimba, surge água de coco. José N. Reis	Jardim se tornando objeto de admiração; canteiros de antúrio. Noite Eliz.
no Dia do Salva-vidas o sol de verão! Elen de Novais Felix	Antúrio e violeta. Junto ao pé de bambuzinho, flertam na varanda. José Walter da Fonseca	Regina Célia de Andrade mesmo sem aparecer, não pega o calor. Renate Paccola
Quão apesqueado ficou grande pescador!... — Surubim rajado. Fernando L. A. Soares	Sol todo molhado envia à minha janela o seu arco-íris. Larissa Lacerda Mendez	Pequena formiga carregando enorme fardo: — força de gigante! Santos Teodósio
Palco de neblina, o sol, se exibindo em cores, faz o arco-íris! Fernando Vasconcelos	Em fila indiana formiguinhas operosas levando comida. Lávia Lacerda Mendez	Barraca de camping. Um isopor mal tampado — festejam formigas. Sergio de Jesus Luizate



SELEÇÕES MENSAIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Remeter até 30.12.00, quigos à escolha:
Cata-vento (brinquedo), Dia do Dentista, Miosótis.

Remeter até 30.01.01, quigos à escolha:
Dia do Jornaleiro, Magnólia, Névoa.

Fazer um haicu é como tirar uma foto ou filmar. Vemos o quigo — palavra da sação — (focalizamos), sentimos o satori ou “consciência de si”, com a mente vazia, isto é, sem preconceitos (fotografamos ou filmamos) e escrevemos esse registro limpo de uma sensação ou percepção (revelamos), compondo assim um haicu por conter o quigo, ou seja, um tema da estação, por ser *seu assunto principal* o quigo. O haicu deve ser narrado no instante da ocorrência e à vista do quigo, com 5-7-5 sílabas poéticas (sons) com um corte (ou brecha) após o 1º ou 2º verso, mas de forma tal que o leitor não se “perca” no relacionamento de ambas as partes, nem estas estejam por demais relacionadas. O haicu conterá ainda sutis sugestões que o leitor perceberá por si mesmo, sem a aparente explicação do autor.

Sobre os trabalhos remetidos, quando necessário, orientaremos visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção do haicu. Enviar para: Manoel Fernandes Mendez Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132 01150-011 - São Paulo, SP

1. Preencher até três haicus, (veja quigos acima, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinónimos *corretos* dos respectivos quigos — palavras da estação, ou seja, sinónimos referentes à *natureza*.

2. Posteriormente o haicista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicista enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá, respectivamente, o nome do haicista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaxio do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Escusado dizer-se que na seleção não se escolherá haicus de própria lavra, pois tais votos serão anulados bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

HAICUS EM FOLHA

A lenha crepitante Gemem nos braços do fogo a batata-doce. Roberto Resende Vilela	Cspita a fogueira. Batata-doce entre as cinzas. O garoto espera. Maria Reginato Labriciano	Ramos de alecrim perfumam as velhas cartas que guardam mil sonhos... Amália Marie G. Bornheim
Entre bandeiras, curiosa a lua espia: — quermesse na praça... Darly O. Barros	A brisa suspira... Vem, no suspiro, um perfume. Balança o alecrim. Roberto Resende Vilela	Um raio de sol vem brincar de esconde-esconde no pé de alecrim... Ercy M. M. de Faria
Fogueira apagou-se. Restou estera de brassas e batata-doce. Sérgio Serra	Quermesse na praça. Sobre a barraca de pesca a luz sorri... Ercy M. M. de Faria	Café no pilão... Batata-doce na brasa... — Saudades da roça!... Maria Madalena Ferreira
As batatas-doças na fogueira, quase assadas. Crianças com pressa... Analice Feitosa de Lima	Música na praça O burburinho, o vaivém... Noite de quermesse. Roberto Resende Vilela	Fogueiras acesas... Batata-doce na brasa tem gosto de infância... Ercy M. M. de Faria
No pátio da igreja bandeirinhas da quermesse chamando os fiéis. Alba Christina	Chuva no quintal. O alecrim perfuma a noite e vem ao meu quarto. Héron Patricio	Regando o canteiro, um perfume inesperado. Alecrim na horta. Yedda Ramos Maia Patricio
Flores no cabelo, de prendas... Quermesse... — Tempo de saudades!... Maria Madalena Ferreira	O menino pesca da serragem fino embrulho. Quermesse e lembrança. Manoel F. Mendez	Alecrim em lata... perfuma o pobre ranchinho. Não acalma a fome. Leonilda H. Justus
Noite de São João Batata-doce na brasa, criança dá alegre. Olga dos Santos Bussade	Uma brisa leve nas folhinhas delicadas e o alecrim perfuma. Alba Christina	Fogueira acesa. Ao redor, batatas-doças guardam sua vez. Hélcio Durso
Folhas luzidias, batata-doce florida, colheita anunciada. Yedda Ramos Maia Patricio	Assado cheiroso! Descoberta do segredo: — folhas de alecrim... Maria Madalena Ferreira	Gallo de alecrim decorando o pato assado, perfuma o apetite... Anita Thomaz Folmann
Churrasco caseiro, batata-doce na brasa... Roça na cidade. Héron Patricio	Quermesse na praça com muitas compras na mão, passeia à alegria... Anita Thomaz Folmann	Igreja lotada. Prendas são arrematadas. Dia de quermesse. Analice Feitosa de Lima
No leito de brassas batatas-doças no espeto sabor de Brasil... Darly O. Barros	Tempo de quermesse!!! Sob um céu de bandeirinhas, recados de amor... Amália Marie G. Bornheim	Orfão, sem cuidados, sobeja no canteiro seco, o pé de alecrim. Olga Amorim

CLASSIFICANDO OS TERCETOS INDEPENDENTES

Manoel Fernandes Mendez

Podemos chamar de **trevo todos os tercetos independentes**: ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔ ↔
O trevo guilhermano rima versos de 5 sílabas e, o de mo, de 7 sílabas, a 2ª com a 7ª.

O trevo senriu à ocidental é conceitual, filosófico... — é um trevo à moda ocidental.

Os trevos *senriu*, *haicu de sação vaga* e, simplesmente, *haicu* (único a conter quigo), são sempre “**aqui e agora**” — **não conceituais, sendo:**

trevo senriu ou personagem (*não filosófico*),
trevo haicu de sação indeterminada (*aborda a natureza sem situar a estação*);
trevo haicu, poesia pura — (*o quigo, situa a estação em que o poeta está*).

O trevo haicu é, provavelmente, a mais antiga poesia moderna do mundo e o simbolizamos pelo ipê.

Trevo senriu à ocidental
ou trevo ocidental:

Sina tecedeira,
com uns bílros invisíveis,
aranha rendeira.
Fernando Vasconcelos

Cultivo uma amistad,
es el silencio.
Es mi fatiga.
Pio E. Serrano, Haikus del Silêncio XII

Trevo senriu
ou trevo personagem:

Vassoura comprida
varrendo teias no teto.
Dia de visita.
Manoel F. Mendez

Praia em alvorço
a postos uns salva-vidas
faz valer seu dia...
Darly O. Barros SF 0004

Trevo haicu de sação vaga
ou trevo haicu subentendido:

Pasa una ave.
Es el silencio.
Basta.
Pio E. Serrano, Haikus del Silêncio XI

Vários salva-vidas
da praia ao mar, cuidadosos,
levam um golfinho.
Manoel F. Mendez

Trevo **haicu**:
Quigos *fauna* e *vivencial*
da estação verão:

Ao sabor da aragem
unindo ramos esparços
na teia a aranha.
Miguel Jorge Malty

Dia do Salva-vidas...
obedientes ao aviso
a digna homenagem.
Anita Thomaz Folmann

A NATUREZA AO NOSSO ALCANCE

Alguns podem dizer que para compor haicai, exige-se por parte do praticante conhecer a natureza. Claro, isto é verdade. No entanto, este conhecimento é algo que se vai adquirindo a partir do momento que a linguagem do haicai vai sendo entendida. Não é necessário viver no campo para se compor haicai. Ter vivido no campo ou no interior talvez ajude, mas não é o suficiente. A natureza que referimos ao haicai é aquilo que vivenciamos no cotidiano. É o capim que começa a mudar de cor no jardim de nossas casas, nos parques ou nos canteiros das grandes avenidas.

Um haicista, assim que seja urbano, não deve se acomodar e dizer simplesmente que a natureza está longe dele. A preguiça não leva a nada. Um haicista deve ter os olhos curiosos e a mente aberta para todos os acontecimentos. Se não conhece determinada flor, deve pesquisar para saber a respeito. Quem nunca foi a uma festa de São João não pode escrever a respeito. Da mesma forma, quem nunca namorou não escreve a respeito do Dia dos Namorados.

O haicai é um poema popular, das pessoas simples, sem cair na vulgarização. Fala a respeito da vida, como uma espécie de crônica, sem ser moralista. Este poema reflete um olhar singular na transitoriedade da vida.

Francisco Handa, em Jornal Nipo-Brasil 990729

Trenó no Natal:
carregador de papel
conduz a esperança.

Na torre da igreja
pombos brancos anunciam
a paz do Natal.

Delores Pires, 1991

A PONTE DE FERRO

Lá está ela, a Ponte de Ferro. Quantos anos ali postada como uma guardiã da cidade. Quantas vezes o progresso sobrecarregou tuas estruturas ora indo, ora vindo acomodado nos diversos comboios que por ti passaram. Quantas pessoas, de sucesso ou não, já se valeram de tua gratidão atravessando o rio para o outro lado da cidade, ou apenas usando-te para admirar a bela paisagem proporcionada pelo nosso querido Itapemirim.

Quando nasceste a cidade era ainda pequenina, o rio era forte e caudaloso. Tu eras a atração e a atenção de todos. Eras a chegada do progresso, o alimentar das esperanças, a construção do futuro.

Fico a imaginar como, apesar de estática e fisicamente fria tu representas tão bem a vida. Forte, resistente, bonita, mas ao mesmo tempo necessitada de carinho e cuidados. O asfalto passa por sob ti numa convicção exageradamente proposital. Fim da Siqueira Lima, início da Beira Rio. Lá vamos nós descendo, descendo. Lá vamos nós subindo, subindo e te observando de forma até obscena descobrindo tuas partes baixas numa invasão íntima de privacidade. E tu não reclusas. E assim já acontece há muitos anos, num fluxo repetitivo somente interrompido nos dias escuros de chuvas fortes quando as águas sobem de nível insistindo curiosamente em lavar tuas entranhas, conhecer teus segredos, parando nosso trânsito.

Por sob ti nós descemos como na própria vida, as vezes desorientados sem saber para onde ir, a procura de um rumo. Por sob ti nós subimos alegres de termos encontrado o caminho certo, de termos recuperado as esperanças.

Nunca mais ouviremos o apito do trem, mas teremos sempre viva dentro de nós a tua presença encorajadora a desafiar o tempo. Continuamos te usando sem pedir. Continuas a nos oferecer sem cobrança alguma: — Para a Samuel Levi? Vais pela Ponte de Ferro, é rapidinho...

Os homens de verdade são como tu. Estrutura complexa mas harmoniosa. Base sólida mas carente de cuidados, reciclagem. Beleza explícita, simplicidade latente, retidão. Prazer maior em dar, em servir, do que em receber.

Desafias o tempo, suportas as intempéries se fazendo presente a todos os acontecimentos, nunca foges. És a história viva de Cachoeiro, inspiração dos poetas, ponto de referência, motivo de reflexão. Os nossos idosos te olham agora com lágrimas nos olhos, saudosos de um tempo que não volta mais. Eram moços como tu e envelheceram contigo, construindo a história viva de nossa terra.

Mesmo obsoleta da servidão inicial continuas presenteando-nos com tua presença marcante, beleza, ensinamentos. Continuas a resistir ao tempo como se dele fizesse parte, o que não deixa de ser verdade.

Queria eu ter vivido a história como tu e presenciado tantos momentos importantes da vida de nossa cidade, onde ainda permanecerás viva por muitos anos, porque tu e Cachoeiro de Itapemirim se confundem numa história de amor, confiança e complicitade.

Ponte de Ferro: Tu fizeste o Futuro.

Edvaldo da Silva Ramos, em Revista da Academia Cachoeirense de Letras, 9912